

GUSTAVO BARROSO, UM INTÉRPRETE DO BRASIL:  
A NAÇÃO NA ESCRITA INTEGRALISTA  
BARROSIANA

Elynaldo Gonçalves Dantas<sup>170</sup>

*Artigo recebido em: setembro/2015*

*Artigo aceito em: outubro/2015*

**Resumo:**

Neste texto, procuraremos, a partir do aporte teórico da hermenêutica ricœuriana, fazer uma reflexão sobre a organização do espaço nacional no pensamento integralista de Gustavo Barroso. Nesse sentido, utilizaremos como fontes os livros *O Integralismo em Marcha* e *O Integralismo de Norte a Sul*. Dessa forma, objetivamos lançar luz sobre outra face da história do Brasil, visão de mundo que nunca deixou de existir, mas que está mais próximo de nós que gostaríamos de assumir.

Palavras-chave: Barroso; Nação; Antissemitismo.

---

<sup>170</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Link para o currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4451971Z6>.

## Resumen:

En este texto buscaremos, a partir del aporte teórico de la hermenéutica ricœuriana, hacer una reflexión sobre la organización del espacio nacional en el pensamiento integralista de Gustavo Barroso. En este sentido utilizaremos como fuente los libros *O Integralismo em Marcha* y *O Integralismo de Norte a Sul*. De esta forma objetivamos aclarar sobre otro lado de la historia de Brasil, visión del mundo que jamás ha dejado de existir, pero que está más cerca de nosotros de lo que nos gustaríamos asumir.

Palabras-clave: Barroso; Nación; Antisemitismo.

## 1. Introdução

Em nosso texto, pretendemos colaborar com as pesquisas em torno da presença da ideologia de matriz racial nazista no Brasil<sup>171</sup>, a qual deixou marcas profundas em nossa sociedade. Presença essa que tem sido muitas vezes silenciada pela historiografia brasileira, trabalhada mais comumente pelo prisma de autores eleitos como os “intérpretes do Brasil”, ou seja, autores que pensaram e elaboraram dadas visões sobre o Brasil, reunindo autores que pensaram diferentemente o passado e o futuro brasileiro bem como o papel dos seus sujeitos históricos, de forma legítima e de fundamental importância. Mas, nosso trabalho versa sobre outra face da nossa história, relegada, muitas vezes, apenas como um “pesadelo dos anos 30”: a atuação do destacado intelectual Gustavo Barroso<sup>172</sup>, nos seus anos de forte atuação integralista<sup>173</sup>.

---

<sup>171</sup> Entendemos, à guisa do pensamento de Carlos Nóbrega de Jesus, que Gustavo Barroso camuflaria os elementos raciais de seu discurso por meio de uma roupagem política, uma vez que, diluída sua matriz rática numa crítica ao comunismo, permitiria ao líder das milícias integralistas não entrar em conflito aberto com outras correntes de pensamento da doutrina do Sigma. Ver: Rodrigues; Barbosa, 2011.

<sup>172</sup> Nascido em Fortaleza, em 29 de dezembro de 1888 e tendo falecido no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1959, Barroso atuou em várias áreas: advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta, romancista brasileiro, redator de jornais, diretor do Museu Histórico Nacional (a partir de 1922), representante brasileiro em várias missões diplomáticas e membro da Academia Brasileira de Letras, onde foi presidente em 1932, 1933, 1949 e 1950. Essa visada geral da

Entendemos, assim, a necessidade de se pensar o espaço em suas dimensões políticas e culturais e, sendo a significação barrosiana do espaço nacional expressa no campo discursivo, fruto de um dado momento histórico e comprometido com determinadas relações de poder, pensamos que ela faz da leitura do que seria a nação brasileira a sua própria representação. A escrita da nação barrosiana fala de sua sensibilidade sobre o mundo que o cerca, sobre seu tempo presente, sobre seu lugar de fala<sup>174</sup>. É ela uma representação que tem o real como referente, seja para negar, ratificar ou ultrapassá-lo, ela é registro de seus medos, sonhos, anseios e desejos. Problematizar a espacialidade forjada por Barroso em seus textos, da doutrina do Sigma, é entender o papel da linguagem como criadora de sentidos e o recurso metafórico como artifício intelectual que participa da construção de realidades, pois os espaços também são construídos historicamente pela produção escrita. Espacialidades elaboradas como representações que se articulam por meio de tramas discursivas que agenciam significações outras.

Portanto, o propósito deste trabalho é analisar como Gustavo Barroso buscou construir discursivamente o que seria o espaço da nação brasileira, seu passado, seu presente e sua projeção de futuro. Como ferramenta teórica, empreenderemos uma análise do discurso à luz do projeto hermenêutico de Paul Ricœur<sup>175</sup>. Destarte, nossa empreitada buscará fazer uma análise do pensamento de Gustavo Barroso por meio das suas obras voltadas à doutrina do Sigma, buscando compreender como suas ideias foram sendo produzidas de modo a legitimar

---

atuação de Gustavo Barroso pelos setores da esfera política e cultural brasileira da primeira metade do século XX, tem como sentido fazer notar a abrangência do seu campo de atuação e sua devida importância.

<sup>173</sup> Utilizamos aqui o conceito de “intelectual” tal como proposto por Sirinelli, ou seja, como um conjunto de sujeitos específicos, considerados como criadores e mediadores culturais, bem como ator engajado e militante. Ver: Remond, 2003, p. 242-243.

<sup>174</sup> Entendemos o pensamento de Barroso como sendo fruto de operações, como prática que liga a ideia ao lugar de escrita segundo regras historicamente definidas. Quanto ao conceito de *lugar de fala*, ver: Certeau, 2002.

<sup>175</sup> Para Ricœur, a preocupação com a metáfora em seu contexto de enunciação é algo central, sua visão busca enfatizar que, em vez de uma semiótica da palavra, devemos nos ater ao texto para o entendimento da metáfora, ou seja, a enunciação da metáfora não encontra sentido nela própria, mas sim no texto em que tal recurso linguístico está inserido. Nesse sentido, buscaremos demonstrar como Gustavo Barroso, exímio artífice das letras, utiliza-se do apelo ao recurso metafórico como um dos pilares de sua montagem argumentativa antissemita. Sobre o papel das metáforas à luz do pensamento de Paul Ricœur, ver: Ricœur, 2011.

também sua atuação na AIB. Serão nossas fontes os livros *O Integralismo em Marcha* e *O Integralismo de Norte a Sul*.

Ao seguir nessa trilha, estamos nos preocupando também com o nosso tempo presente, pois entendemos que o pensamento barrosiano constituiu um legado que se enraizou na nossa sociedade, ganhando novas roupagens. Exemplo disso é que essas obras, publicadas ainda durante sua militância integralista, reverberam hoje, entre movimentos como o neointegralismo que, amparados nessas ideias, buscam organizar suas concepções de mundo e de sociedade, encontrando na *internet* um vasto campo para divulgação e propagação, organizando seus discursos em função das demandas atuais<sup>176</sup>.

Contudo, antes de adentrarmos nesse debate, consideramos necessário discutirmos um pouco sobre o campo de forças, o lugar de fala, de Gustavo Barroso e como ele se “movia” dentro dos círculos da Ação Integralista Brasileira.

## 2. Gustavo Barroso e a AIB

No início de 1933, após assistir a uma conferência de Plínio Salgado, Gustavo Barroso, preocupado com questões como a identidade nacional e sua crescente preocupação com as instituições liberais republicanas, ligou-se às fileiras da Ação Integralista Brasileira (AIB)<sup>177</sup>. Seu ingresso nas fileiras integralistas vai

---

<sup>176</sup> Livros antissemitas de Barroso como *Brasil: colônia de banqueiros* e a versão traduzida e comentada por Barroso de *Os Protocolos dos Sábios de Sião* foram reeditados pela editora Revisão. Já na *internet* se encontram facilmente *sites* de extrema direita que divulgam tais obras, fazendo leituras barrosianas redirecionadas a novos personagens, tais como homossexuais e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>177</sup> A Ação Integralista Brasileira (AIB) movimento fundado em 7 de outubro de 1932, por Plínio Salgado, surge da reunião de vários grupos, como a Ação Social Brasileira, o Partido Nacional Fascista, a Ação Imperial Pátrio-Novista e a Legião Cearense do Trabalho, inserindo-se no debate sobre o que seria a brasilidade, trazendo, em seu âmago, características semelhantes às dos partidos nazista e fascista, que ganhavam força na Europa. A AIB apresenta suas características peculiares, inerentes ao contexto brasileiro, mas mantendo a mesma matriz ideológica dos movimentos fascistas, grosso modo: partido único de massa, forte estrutura hierárquica, exacerbação dos valores nacionais, forte oposição aos princípios do liberalismo, do comunismo e do socialismo, busca pelo domínio dos meios de comunicação, eliminação do pluralismo político, aniquilamento das oposições embasado na violência e no terror. Ver: Ferreira; Delgado, 2003.

marcar uma metamorfose em seu pensamento político, vindo a se destacar como a maior expressão teórica do antissemitismo brasileiro.

A proposta dos intelectuais reunidos na AIB era interferir, através da ação política, na organização do Estado brasileiro e na construção de uma nacionalidade, denunciando a impossibilidade do Estado liberal na condução desse processo, enfatizando o individualismo e os regionalismos como causas do caos social, como fatores de enfraquecimento da unidade nacional. Esses intelectuais pretendiam construir uma unidade nacional, a partir da centralização do poder e o controle do setor produtivo, através do sistema corporativo, dotando a nação de um só corpo e de uma só alma. Nação vista como projeção do lugar do qual se emite o discurso.

Destarte, podemos perceber a AIB, como um espaço de sociabilidade intelectual, se constituindo como um campo de trocas e de aprendizado intelectual, espaço permeado de relações profissionais, pessoais, organizado a partir de afinidades, sensibilidades ideológicas e culturais comuns, possibilitando e alimentando o gosto de conviver. Espaço de agregação social, mais ou menos restrito, que aglutina pessoas que se identificam com esse ambiente, no qual as ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização criada e transformada, constantemente, possibilitando a criação de uma identidade enquanto grupo, com características peculiares entre si, bem como espaço que hostiliza e exclui outros grupos<sup>178</sup>.

Nesse sentido, o integralismo não pode ser entendido como um movimento homogêneo, um bloco monolítico. Os seus principais ideólogos, aqueles que deram corpo ao movimento integralista brasileiro – Plínio Salgado, Gustavo Barroso e

---

<sup>178</sup> Seguimos em nosso texto com a noção de campo proposta por Pierre Bourdieu, que nos lança subsídios para que possamos compreender os campos como espaços sociais com suas próprias regras, princípios e hierarquia, com delimitações definidas a partir, não só dos acordos e consensos, mas também a partir dos conflitos, tensões e dinâmicas. Campos que devem ser entendidos enquanto estruturas estruturantes, espaços determinados e determinantes, que se relacionam no conjunto social com outros campos, originando espaços sociais mais abrangentes, influenciados e influenciadores. Para mais detalhamento sobre o conceito de campo, ver: BOURDIEU, 2011. Seguimos também a acepção de sociabilidade proposta por Jean François Sirinelli que, dialogando com a perspectiva de Bourdieu, do qual apreendemos a AIB como uma estrutura organizacional de sociabilidade que propicia, de um lado, a agregação e, de outro, a exclusão de indivíduos, rede organizacional que proporciona uma fermentação intelectual, desenvolvimento de relações afetivas e formação de identidade e pertencimento a um grupo, ver: Remond, 2003, p. 232-253.

Miguel Reale – tinham percepções diferenciadas, com nuances ideológicas existentes, permitindo diferentes leituras da realidade brasileira, diferentes pontos de adesão à AIB. Diferenças que geraram tensões dentro da própria organização integralista, tensões essas que podem ser notadas na disputa por poder entre Plínio Salgado e Gustavo Barroso se fazendo sentir, particularmente, na radicalidade do discurso antissemita de Barroso, utilizado como instrumento de competição política com Plínio Salgado.

Porém, é importante ressaltarmos que, seguindo a linha de pensamento de Trindade, afirmamos existir certa gradação no antissemitismo dentro da AIB, pois teóricos como Miguel Reale e Plínio Salgado, defendiam a tese da assimilação do judeu na sociedade brasileira, desde que ele não estivesse ligado ao capitalismo internacional (TRINDADE, 1974, p. 252-253). Segundo Nóbrega, “da mesma forma que Barroso, o Chefe do Sigma e Miguel Reale encobriram seu antissemitismo na suposta luta contra o domínio do capitalismo estrangeiro, em nome da defesa da nacionalidade (JESUS, 2011, p. 22). Posição semelhante podemos observar no trabalho de Cytrynowicz, o qual destaca que a ideia de que o mito da conspiração judaica se fazia sentir, embora com menos intensidade, entre outros ideólogos integralistas, como Salgado e Reale, além da presença do tema na divulgação dos periódicos da doutrina do Sigma (CYTRYNOWICZ, 1992, p. 19).

Sendo assim, antes de adentrarmos nos meandros do pensamento integralista barrosiano sobre a nação, consideramos ser necessário afirmarmos nossa posição dentro de um debate historiográfico, no que concerne ao pensamento de Gustavo Barroso: é por meio da ideia do complô judaico-comunista, que ameaça destruir toda civilização cristã, que se constrói o recurso que dá nexos e inteligibilidade à produção barrosiana (CYTRYNOWICZ, 1992, p. 31), lançando mão de um racismo camuflado em roupagem anticomunista, para fazer uma leitura crítica da humanidade, buscando revelar os segredos mais ocultos da história brasileira.

Tendo essas considerações em mente, buscaremos, no próximo tópico, problematizar os elementos que compõem a retórica e a sintaxe do que seria a nação brasileira no pensamento barrosiano.

### **3. Gustavo Barroso: um interprete da Nação**

Já em 1933, preconizando uma educação integral baseada no lema Deus, Pátria e Família, tal como defendida no Manifesto de outubro, Barroso parte daquilo que ele chamou de “bandeiras”, ou seja, uma série de palestras e conferências pelo Brasil, no intuito de divulgar e difundir o pensamento integralista e, assim, contribuir para a construção de um “homem novo”, único, capaz de encaminhar a “revolução integral” e, assim, construir uma verdadeira nação: “a Nação Total é a nação considerada nas três ordens de seus fenômenos: econômicos, racionais e espirituais” (BARROSO, 1933, p. 107). A verdadeira nação deveria, então, ser uma síntese desses três fatores.

A utilização do termo “bandeiras” tem muito a nos dizer da percepção barrosiana de uma identidade e espacialidade brasileira: para Gustavo Barroso, era no passado colonial, ligado à atuação do homem branco, bandeirante e católico, que estaria à origem posta da nossa nacionalidade. Assim como os bandeirantes teriam definido as silhuetas do território brasileiro a partir da experiência andeja, Barroso, dotando suas palestras e conferências pelo país, com esse sentido de bandeiras, tenta mostrar que o passado ainda estava vivo, e que ele revivendo essas experiências, estaria ajudando a redefinir a nação.

É preciso ter mente que a escrita de Barroso nos fala mais sobre seu momento de feitura que sobre o fato narrado, trazendo assim sua sensibilidade diante de um presente entendido como caótico, de uma liberal-democracia desgovernada<sup>179</sup>, de um espaço vazio de tradições, da ruína de todo um sistema

---

<sup>179</sup> Sobre o contexto de descrença na liberal-democracia, sentimento compartilhado tanto à esquerda quanto à direita política, que levou a radicalização de movimentos sociais e dos movimentos políticos, representados especialmente pela AIB e pela Aliança Nacional Libertadora

social, um Brasil que aparece para Barroso como que rabiscado, profanado, adulterado, pela mão de um *Outro*, nação que poderia ser recuperada no futuro, caso se efetivasse o Estado Integral<sup>180</sup>, espelho do que deveria ser o país.

A partir da compilação de uma série de conferências realizadas no Rio de Janeiro, ainda em 1933, Barroso publica a sua primeira obra dedicada ao integralismo, *O Integralismo em marcha* (BARROSO, 1933). Nesse livro, Barroso busca, muito didaticamente, explicar e alicerçar os fundamentos da AIB, além de explanar seu modo de compreender e realizar o Brasil. Sendo sua leitura da realidade brasileira tributária do seu tempo e do seu lugar de fala, essa se insere no horizonte de expectativas e indagações do projeto integralista, o qual pretendia se colocar à frente do momento de “desorientação brasileira”, provocado pela liberal democracia e pelo materialismo comunista, no qual o integralismo despontaria como farol da humanidade (BARROSO, 1933, p. 49-50).

O livro é aberto com uma carta aos jovens brasileiros, afinal são eles o alvo principal do pensamento barrosiano, que vê na mocidade a força necessária para salvar o país daquilo que ele entendia ser a ameaça iminente – o liberalismo e o comunismo – e que deveria marchar “como ao som da Giovinezza”, que “reformou a Itália, consertou Portugal e redimiou a Alemanha” (BARROSO, 1933, p. 9). São os jovens os portadores do estandarte da esperança, e esses precisam se posicionar logo, a indiferença é considerada crime (BARROSO, 1933, p. 50), pois, no seu entender, não se trata somente de uma luta entre forças políticas, mas sim uma luta entre o bem, os integralistas, e o mal, o comunismo e o liberalismo, que aparecem ainda sem feição definida, como que mascarados.

Façamos notar aqui que a concepção integralista de Gustavo Barroso está sendo gestada seguindo uma trajetória. O inimigo a ser combatido ainda não tem

---

(ANL), que amalgamava liberais desencantados com os rumos tomados pelo governo Vargas, comunistas e socialistas, ver: Ferreira; Delgado, 2003, p. 29.

<sup>180</sup> O Estado integral corresponde a uma concepção de organização social e política da sociedade através do Estado integral-corporativo, repousando numa concepção do homem e da sociedade inspirada num humanismo espiritualista e numa visão harmônica da organização da vida em sociedade. Essa concepção ganhou variantes, como a concepção de Estado-sindical-corporativo inspirada em Miguel Reale. Gustavo Barroso não chegou a se destacar como um teórico do Estado integral, embora tenha colaborado com suas próprias prerrogativas de como se chegar a ele.

rosto, não aparece com seus contornos bem definidos, a dignidade e o patrimônio brasileiro estão sendo comprados pelo “ouro estrangeiro” (BARROSO, 1933, p. 54), a nação destruída por filosofias ditas importadas e que não se adequam a nossa realidade e pelo “afluxo de sangue alienígenas” (BARROSO, 1933, p.58), que teimam em minar nossas essências. Aquele pensamento que vai lhe destacar como principal teórico do antissemitismo moderno brasileiro aparece muito timidamente, o elemento judeu é colocado apenas como um dos realizadores do comunismo (BARROSO, 1933, p. 103-104). Esse livro deve ser entendido como um pedido de licença ao entrar num círculo novo, ao qual objetivava se inserir.

O integralismo não poderia ser visto como um partido, pois ele pretendia integralizar as partes, harmonizar por meio de uma ordem espiritual, econômica e societária, deveria, como um farol, guiar os novos rumos do Brasil, que navegava em direção ao precipício. O integralismo deveria construir um homem novo para, assim, construir um Brasil novo.

Esse homem novo seria “o homem integral: corpo, razão e espírito, numa liberdade disciplinada” (BARROSO, 1933, p. 21). A liberdade disciplinada significa que o indivíduo deverá estar submetido aos “interesses supremos da nação. Essa síntese entre matéria, mente e espírito, que comporia o “homem novo”, conduziria ao que Barroso entendia ser a verdadeira revolução. Não mais a revolução dos liberais que encaminharam de forma sangüinária o declínio da concepção universalista da Igreja Católica e sua superação pela concepção individualista do liberalismo, com a Revolução francesa no século XVIII (BARROSO, 1933, p. 92), nem a do coletivismo marxista do século XIX, operacionalizadas por Barroso como tendo a mesma essência desagregadora, afinal, segundo ele, “um sai do outro” (BARROSO, 1933, p. 105).

Essas revoluções dos séculos XVIII e XIX seriam fundadas no sangue, na morte, e o Brasil deveria, então, tendo o integralismo como encaminhador do processo, se basear na “grande revolução fascista e na grande revolução hitlerista”, que, “excetuando algumas lutas de rua, nenhuma gota de sangue se derramou” (BARROSO, 1933, p. 92-93). Mas Barroso deixa claro que o uso da força no

encaminhamento da revolução integral não é uma opção descartada, se preciso for, essa arma deveria ser usada (BARROSO, 1933, p.93). Baseando a revolução e a organização da sociedade integral no trinômio “ordem”, “disciplina” e “hierarquia”, o integralismo seria o elo, uma terceira força, uma manifestação superior, que conciliaria revolucionariamente a natureza e a liberdade (BARROSO, 1933, p. 49).

Barroso, em sua leitura da realidade, em sua estetização dos acontecimentos, colocados na forma de uma narrativa, vai concatenar o processo de construção da nacionalidade brasileira, somente possível de ser realizada pelos integralistas, nos moldes do processo revolucionário fascista e nazista. A construção do Estado brasileiro deveria ser enformado num processo maior, numa escala internacional, que seria a fôrma da concepção totalitária do universo, processo que se dizia abranger os aspectos materiais, mentais e espirituais da sociedade. Portanto, hitlerismo, fascismo e integralismo seriam apenas rótulos, pois seriam ramos da mesma árvore (BARROSO, 1933, p. 89-90), agentes do mesmo processo de luta contra o espectro do mal encarnado no liberalismo e no comunismo. Nessa empreitada de construção do Estado Integral, Gustavo Barroso vai buscar, no passado colonial, os indícios, os elementos que fundamentem a verdadeira essência do ser brasileiro. Sua narrativa do nacional constrói-se na interação entre os elementos do passado, nos quais encontraríamos a formação da nossa origem e sua resignificação no presente. Em sua leitura da conjuntura brasileira, o país seria mais um continente vazio que uma nação (BARROSO, 1933, p. 55), sendo preciso reencontrar a alma da terra, de forma que se articulasse sua escrita da história com o projeto integralista.

Em sua forma de narrar à nação, a atuação do elemento branco como agente civilizatório é fundamental, destacando especialmente a importância dos bandeirantes e dos jesuítas na tarefa de desbravar e civilizar o país descoberto pelos portugueses. O fio condutor de sua construção do passado é a atuação decisiva dos portugueses

descobridores, dos bandeirantes que a golpes de heroísmo deram forma ao Brasil,

desenhando a sua silhueta, do jesuíta civilizador, moldador de espíritos cristãos<sup>181</sup>, do senhor de engenho e do fazendeiro criador de gado, como elementos preservadores, no tempo e no espaço do patrimônio territorial adquirido, e, por fim, da união das três raças, o branco, o índio e o negro que, logo no segundo século da vida brasileira, teriam se unido pelo sangue para depois nunca mais se separarem, nem mesmo com a ação desagregadora de elementos como os franceses e holandeses (BARROSO, 1933, p.56-57).

Barroso recriou o passado para buscar legitimar suas ações no presente e, assim, projetar um futuro. No passado estavam os elementos da nação, que haviam formado um todo homogêneo, um Brasil sem preconceitos (BARROSO, 1933, p.57), moldado pelo homem conquistador e pelo padre catequizador, conservado pela atuação dos grandes senhores de terras, Estado centralizado na figura do rei. Portanto, a presença em sua narrativa de elementos como a democracia racial, a partir da mescla das três raças, a atuação de bravos conquistadores de terras e de almas, guardiões das mais legítimas tradições, e o processo centralizador do Estado na figura de um líder máximo, são pontos de interseção com as principais bases do projeto político centralizador integralista. Essas bases, segundo Barroso, estavam sendo deterioradas pelo ouro estrangeiro e pela liberal democracia: o pensamento barrosiano não se contenta só em definir a origem da nação e seu processo evolutivo, mas também objetiva enquadrar pedagogicamente o povo no projeto de construção do Estado Integral.

Evidenciamos, dessa forma, a presença marcante do pensamento conservador e antirrevolucionário, dos séculos XVIII ao XX, no pensamento barrosiano, que se fizeram presentes em sua experiência discursiva sobre seu projeto de Estado/nação, a partir de temas como uma visão de história marcada pelo tema

---

<sup>181</sup> O pensamento católico de Gustavo Barroso remonta ao movimento que ficou conhecido como a Restauração Católica, com sua política marcadamente conservadora e antiliberal, e a intelectuais que, desde meados do século XVIII, recusaram as propostas iluministas, os ideais da Revolução Francesa bem como o projeto da modernidade. Nos argumentos desses pensadores, destaca-se a militância contra a democracia, a negação e a sistemática denúncia do pensamento político de esquerda, as mudanças na estrutura de governabilidade que vinham atingindo os valores do tradicionalismo e do autoritarismo, se concentrando na defesa da propriedade e da família, dos princípios religiosos, morais, no autoritarismo e na manutenção das tradições católicas. Sobre a Restauração Católica, ver: Rodrigues; Paula, 2012, p. 16.

da tradição e da inviolabilidade da família e da propriedade privada; a presença de um discurso teleológico, no qual apenas uma revolução espiritual reconstruiria não a forma, mas sim o conteúdo, de uma idealizada sociedade cristã medieval, na qual pairava a ordem, a harmonia, protegidos por uma autoridade forte e centralizadora que deveria ser o modelo nacional a se seguir numa construção de mundo que envolve um profundo sentido religioso<sup>182</sup>.

Se colocando como portador do verdadeiro evangelho, missionário do que dizia ser o alto pensamento que articula mente e espírito, Gustavo Barroso, exímio artífice das palavras, procura mostrar didaticamente para seus leitores o que seria um retrato fiel da situação que o Brasil vivia e quais as medidas para salvá-lo da ameaça iminente. Nesse percalço, ele nos fala de princípios naturais da terra, colocando-a como um organismo vivo: o Brasil e o mundo estavam doentes, infectados pelo “parasita do comunismo” e “pelo veneno inoculado do positivismo”, cuja única cura “quer o doente queira ou não” seria “impor nossa medicina” (BARROSO, 1933, p. 110-112).

Façamos notar aqui, à luz do pensamento ricœuriano (RICŒUR, 2011), que Barroso vai compondo uma unidade metafórica em torno de um tema principal que seria a construção de um modelo ideal de nação. E que essas metáforas só funcionam enquanto tais, situadas em seu contexto de enunciação, cuja análise do texto no qual estão inseridas nos permite fazer uma reflexão de seus determinados sentidos. Essas metáforas utilizadas contém um excedente de significado, o qual ele faz uso da ambiguidade de maneira produtiva, de forma a apresentar didaticamente seus reais anseios.

O livro *O Integralismo em Marcha* corresponde ao momento de entrada e estruturação do pensamento integralista barrosiano, que vai seguir uma trajetória, mesmo ao preço de sofrer algumas metamorfoses, até alcançar sua plena formação. Mas, desde esse livro, se fazem sentir alguns dos elementos fundamentais na sua forma de construir seu discurso, de ser-no-mundo, a necessidade de se construir um Brasil novo, a partir da construção de um homem novo, que deveria buscar suas

---

<sup>182</sup> Sobre o pensamento conservador que remonta a meados do século XVIII, ver: Rodrigues, 2005.

raízes no passado colonial, no qual o elemento branco se destacava como o responsável pelo processo civilizatório; os dois inimigos a serem combatidos custe o que custar, o liberalismo e o comunismo, em luta entre essas forças representantes do mal e o integralismo representante de Deus; a admiração pela forma em que países como a Alemanha e Itália, estavam conduzindo suas transformações político-culturais; a busca de se aproximar da juventude brasileira; a estruturação de uma forma discursiva clara, que buscava utilizar palavras de ordem, repetição de conceitos e recurso metafórico não só de maneira ornamental, mas também produtiva.

No Primeiro Congresso Nacional Integralista<sup>183</sup> Gustavo Barroso é designado o Chefe das Milícias Integralistas, posição que o colocaria em contato maior com as bases do movimento. Nessa posição, Barroso dava um salto de ideólogo do movimento para se tornar uma forte liderança política-militar, com uma íntima relação com as bases de sua militância, as quais caberia a ele educar militarmente, pedagogicamente e moralmente (TRINDADE, 1974, p. 179-180).

Barroso vai passar a se destacar, então, como líder de uma corrente antissemita radical e como o grande disseminador do mito da conspiração judaico-comunista no Brasil que, inspirando-se nos *Protocolos dos Sábios de Sião*<sup>184</sup> e no pensamento hitlerista, irá compor seu próprio arsenal argumentativo antissemita (MOTTA, 1998, p. 7), como procuraremos mostrar.

Em *Integralismo de Norte a Sul* (BARROSO, 1934), Barroso reúne outro conjunto de conferências e palestras realizadas durante suas bandeiras integralistas, quando realizou um itinerário de São Paulo a Manaus. Já nas suas primeiras páginas,

---

<sup>183</sup> O Primeiro Congresso Nacional Integralista, ocorrido em Vitória, Espírito Santo, em 1934, representou a consolidação da organização do movimento, após um período de estruturação inicial. O chamado “Congresso de Vitória” estabeleceu as diretrizes da doutrina do Sigma, sendo elaborados os estatutos da AIB e um plano de ação. Foram criados os departamentos de Doutrina, de Propaganda, de Milícia, de Cultura Artística, de Finanças e de Organização Política. Foi definido, ainda, o estatuto do Chefe Nacional e consolidada a estrutura dos núcleos estaduais, as “Províncias Integralistas”. O ano de 1934 marca também um salto exponencial no número de integrantes das fileiras da AIB, de 20.000 inscritos em 1933, para 180.000 em 1934. Ver: Lopes, 2007.

<sup>184</sup> Traduzido e comentado por Barroso em 1936, os Protocolos dos Sábios de Sião, são um texto em formato de uma ata, forjado em 1897, pela polícia secreta do Czar Nicolau II, que descrevia um suposto projeto de conspiração para que os judeus atingissem a dominação mundial.

munido de seu arsenal teórico, Barroso delineia o que seria a face do mal, pois, se em sua primeira obra, o liberalismo e o comunismo aparecem como inimigos sem feição, agora o inimigo objetivo já fora identificado e ele seria o responsável pelas ações financeiras no mundo, o judeu.

De mãos dadas, o espírito judaico e o espírito filosófico, haviam corroído, em nome dum direito natural racionalista, o princípio da autoridade: Dêsde muito tempo, as dimensões permanentes da vida espiritual, dentro das quais se emolduram os povos, vinham sendo minadas (...) nesse obstinado trabalho de sepa dos filosofos racionalistas judeus do seculo X<sup>o</sup> ao XV<sup>o</sup> (BARROSO, 1934, p. 10-11).

O judeu aparece, assim, como o fomentador do liberalismo, elemento que agiria secretamente de forma a destruir as bases da boa civilização cristã do antigo regime, bases essas que seriam: a dimensão da vida espiritual, o legítimo princípio da autoridade e a ideia naturalizada de pátria. O liberalismo teria se tornado um grande elefante que, esmagando tudo à sua frente, teria levado as massas exploradas pelo capital ao quadro de total desespero social (BARROSO, 1934, p. 14-15). Foram o capital e as doutrinas racionalistas, controladas pelo “velho materialismo judaico”, que abriram as portas para todas as doutrinas socialistas, coletivistas e comunidades de anarquistas (BARROSO, 1934, p. 39). Barroso vai operando suas denúncias à liberal democracia, de modo a mostrar também que uma de suas maiores conquistas, o sufrágio universal, não passava de engano às massas, que seria, junto com o direito de greve, uma das formas que o “vírus comunista” penetrara em nossa sociedade (BARROSO, 1934, p. 19).

Mostrando que sua atuação dentro dos círculos do Sigma seria da ordem da negociação, muito mais que da simples adesão total de seus preceitos, Barroso vai tecendo seu discurso antissemita de forma que não destoe muito do que era feito pelo centro diretivo da AIB, que propunha, entre outras coisas, um partido único de massa, forte estrutura hierárquica, forte oposição aos princípios do liberalismo e do comunismo e exacerbação dos valores nacionais baseados no pressuposto da integração racial como pilar da construção de um novo Brasil.

Para atingir tal fim, Barroso procura dosar, com medidas certas, o pesado teor de seu discurso antissemita, cujos limites foram sendo dados a partir do seu lugar de fala. Recorrendo ao apelo às fórmulas básicas da AIB, o comunismo é constantemente associado como continuidade do liberalismo, que teria sido derivado das doutrinas racionalistas do século XVII, numa luta antiga entre espiritualismo e os princípios materialistas, a antiga luta entre o bem e o mal: “as internacionais terão acabado com as pátrias e estendido sobre o mundo as suas asas abafadoras. O reinado do Novo Messias para os dominadores e o do Anti-Cristo para os dominados!” (BARROSO, 1934, p. 42).

Se seu discurso traz as marcas do lugar em que é produzido, ele também traz os limites de seu pensamento, o qual buscava se encaixar nos moldes do que ele considerava ser a mesma “concepção totalitária do universo”, que teriam sido as primeiras manifestações de classes feitas por intelectuais que o comunismo não teria previsto: o fascismo e nacional-socialismo, com um adendo que procurava marcar a peculiaridade do movimento do Sigma frente a seus congêneres europeus, “sua expressão mais completa chama-se integralismo” (BARROSO, 1934, p. 45). Se Mussolini, Hitler e o Integralismo despontam como símbolos de uma integração universal salvadora (BARROSO, 1934, p. 60), Gustavo Barroso segue se posicionando bem mais próximo da doutrina nazista, inclusive não lhe poupando elogios, o que mais tarde lhe renderia o apelido, pelo jornal nazista *Deutsche La Plata Zeitung*, de Buenos Aires, de **Führer do integralismo brasileiro**<sup>185</sup>: “É essa saudação que, hoje, o braço de Hitler estende sobre a própria Alemanha e que parece ordenar ao bolchevismo: Volta para a Ásia! E á democracia liberal: Vai para o cemitério!”<sup>186</sup>.

Seu discurso segue se costurando ao discurso hitlerista, permeado por uma obsessão contra o inimigo que sintetizava todos os outros inimigos – os judeus – os quais são apresentados como uma categoria abstrata, um todo homogêneo, uma entidade, unidos pelo firme propósito de dominar o mundo (CRUZ, 2006, p. 211).

---

<sup>185</sup> Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

<sup>186</sup> Discurso proferido por Gustavo Barroso na Academia Brasileira de Letras, em primeiro de setembro de 1933. Ver: Barroso, 1934, p. 78.

[...] como que um polvo, oculto nas trevas, estendia um a um os braços vampíricos, tentaculares para manietar, sugar, matar uma dimensão espiritual, uma crença, uma autoridade moral, um preceito de ética, uma fé religiosa, mesmo um postulado científico, de maneira a deixar a civilização estonteada e sem defesa, para atingir assim um fim demoníaco [...]. Entretanto, quem prestasse um pouco de atenção ouviria na sombra o rolar dum carro misterioso impelido por mãos misteriosas, destinado a esmagar as derradeiras resistências, novo carro de Jaguernaut movendo-se para a conquista do mundo e trazendo sobre seus eixos possantes todo o ouro acumulado em séculos de usura, de especulação e de rapina pelo judaísmo sem pátria e sem coração. Ali vinha o carro triunfal do materialismo semita com toda sua perturbadora cenografia (BARROSO, 1934, p. 97-98).

Como base de sua montagem argumentativa, Barroso utiliza-se, essencialmente, do mecanismo metafórico da animalização na construção de seu discurso antissemita para representar os judeus, se aproximando do mesmo mecanismo nazista que representava os judeus como animais em suas propagandas. Os judeus são, dessa forma, articulados em seu pensamento como: alcateias de lobos, bando de corvos (BARROSO, 1934, p. 86), polvos das trevas, vermes e parasitas.

Essas metáforas dizem respeito a uma dimensão figurativa e ilustrativa de um bestiário que compõe um quadro de seres considerados assustadores, seres que atacam silenciosamente, de maneira furtiva, que se alimentam também de restos ou de animais debilitados, podendo agir em bandos ou sozinhos, com seus braços que alcançam vários alvos, ou que se instalam de maneira quase imperceptível no organismo, matando-o por dentro. Seu recurso ao artifício metafórico transcende o texto, assumindo um papel pedagógico que pretende, ao tocar o mundo, organizar certa visão sobre o judeu, lançando determinados sentidos que podem constituir nossa percepção desse mesmo elemento visto como um todo monolítico.

O que estava em jogo, em seu discurso, era a construção da nação e de sua identidade, “Um ‘Brasil Novo’ baseado num ‘Brasil Velho’” (BARROSO, 1934, p. 66) e o papel que lhe caberia nesse processo. Se tratando de uma espacialidade

construída narrativamente, o “Brasil Velho”, surgido no período colonial, quando a fusão das raças, que teria se iniciado e permanecido, aparece como espaço unido, sem fissuras e conflitos sociais, uma imagem de sociedade harmônica, uma protonação que prenunciava a “grande nação”: o Estado Integral.

Lançando os olhos sobre o cenário colonial do Brasil, sentimos que um espírito brasileiro se criou no nosso país, embora primitivo, informe, latente, quasi desde as primeiras épocas da conquista. Êle foi o produto espontaneo da adaptação do homem branco á terra virgem, hostil ás vezes dadivosa, e do caldeamento do seu sangue com o dos naturais da região, no abraço forçado de vencedores e vencidos. E logo se entendeu, em virtude dessa vaga, indeterminada compreensão da unidade brasileira, que todo o territorio de que se assenhoravam os lusos formava um todo que se não devia e não podia desagregar. [...] E tres factores principais prepararam, cada qual com usa essencia e suas manifestações proprias, nesse período incipiente de nossa vida, o grande Brasil do futuro: o jesuita, o criador e o bandeirante (BARROSO, 1934, p. 61).

O papel do elemento branco nesse processo que marca seu projeto nacional, se faz novamente evidente como conquistador, moldador do território e da alma cristã, como já declarara em seu livro anterior. Mas, agora, essa construção passava pela sistemática denúncia do judeu que ameaçava a construção do ideal nacional almejado. Ele seria a encarnação das forças do mal, animal bestializado que, agindo secretamente, ameaçava destruir o mundo ocidental fundado sobre os valores cristãos. O antissemitismo barrosiano é dotado de roupagem política, espiritual, moral e ética, ocultando, assim, seus reais interesses.

Barroso, em sua obra, busca conduzir os integralistas pelos caminhos para a construção da nação. Como motorista desse processo, todos os obstáculos deveriam ser atropelados, mas esses aparecem sintetizados na figura do agente judeu, entendido como manipulador do liberalismo e do comunismo. Ele alerta que os brasileiros deveriam olhar pelo retrovisor, olhar para o passado, para buscar nele suas bases, mas, ao oferecer uma dada visada pelo retrovisor, o que se vê é a própria projeção de Barroso refletida no espelho, como condutor desse veículo.

Pelos caminhos que se devia percorrer para se chegar ao “Novo Brasil”, se passaria obrigatoriamente pela revolução integral na qual “todos os brasileiros devem acostumar-se com a ideia de terem deveres sem pensar em terem direitos” (BARROSO, 1934, p. 93). Projeto centralizador, no qual havia a supremacia dos interesses nacionais sobre os individuais, com a devida eliminação de seus entraves. Para se chegar no “grande Brasil do futuro”, o “veículo” seguiria uma via que se cruzava em vários pontos com a de seus congêneres europeus, principalmente com a via percorrida pelo “veículo nazista” que tinha seu motor da história desenvolvido no conflito incessante contra o “materialismo judaico”, convertendo sua energia teórica em energia mecânica, de forma a impelir seu “veículo” ao movimento.

A finalidade histórica da doutrina do Sigma seria modelar o homem, a sociedade, a nação e a humanidade de uma maneira integral, a partir da inspiração cristã, na qual o homem deve ser medido por seu trabalho e seu sacrifício em favor da família, da pátria e da sociedade. Essa harmonia resultaria da organização hierárquica da sociedade, ordenada pelo Estado Integral.

O espaço nacional barrosiano é, assim, um algo já dado, um *a priori*, uma essência com alma e valores próprios. Os certos elementos essenciais que constituem o entendimento de Barroso por nação e identidade não são propriedades do objeto, mas sim do próprio sujeito que o conhece, é sua representação. Sua ideia de nação é sua própria projeção, num movimento de inversão do discurso (CRUZ, 2006, p. 201), no qual Barroso transfere para o *outro* os elementos presentes em seu próprio discurso: o racismo e a intolerância. Discurso invertido, como estratégia de deslegitimar os opositores e se apresentar como aquilo que não é, ou seja, um movimento inofensivo que estava apenas se defendendo da verdadeira ameaça; ocultando o próprio racismo colocando-o como problema político e econômico (BARROSO, 1934, p. 72).

As concepções de nação e identidade nacional de Gustavo Barroso têm de ser lidas como um discurso que busca unificar, operacionalizar, emoldurar, uma sociedade e uma espacialidade entendida por ele como fragmentada pela absorção dos valores liberais-capitalistas manipulados pelo judeu, espaço que fala mais dele

próprio e de seus valores conservadores, autoritário, hierárquico, católico e reifica o binômio nação-identidade, afirmada como reação ao *Outro*, realidade que, tecida em suas linhas, só aponta para um caminho, sua total destruição, fim esse que só não seria concretizado com a implantação do Estado Integral, no qual o tornar-se membro da nação requereria um disciplinamento do espírito com a respectiva eliminação das discrepâncias, um papel pedagógico-militar que caberia a Barroso.

#### 4. Considerações finais

O espaço barrosiano projetava uma “nova nação, um novo homem”, a partir de uma visada pretérita, uma tradução dos valores medievais pautados no conservadorismo, no catolicismo, na hierarquia e no autoritarismo, aplicados aos acontecimentos da década de 1930. Sendo assim, seu discurso que mirava o futuro, olhava para um passado idealizado, a partir das premissas de seu tempo presente. Um discurso que constrói uma espacialidade que mais fala dos anseios de seu significante, do seu lugar de fala, do seu tempo.

O projeto de nação barrosiana estava enformado nos moldes do autoritarismo que construiu um nazismo à brasileira, que mesclou elementos como a doutrina social católica de base contrarrevolucionária, interpretada ao seu modo, para assim elaborar o seu projeto de Estado Integral como única solução viável frente ao caos da modernidade que, tal qual entendida por Barroso, seria uma força disruptiva, fruto do racionalismo, do individualismo, do materialismo, do capitalismo, do ateísmo e do comunismo, todas essas forças sintetizadas numa única figura: o judeu.

Traços de uma visão de mundo que nunca deixou de existir, mas que está mais próximo de nós do que gostaríamos de assumir – escondido nas papeladas, nas gavetas, nos armários –, esperando ansiosamente para retornar, como nos alerta Albert Camus em seu livro, *A Peste* (CAMUS, 2009), ao fazer uma analogia entre a peste bubônica e a ocupação nazista na França. Pensamento que não se repete, mas que, tendo guardado o “bacilo da peste”, tenta se reconstruir a partir de suas próprias experiências espaço-temporais, incorporando novas reflexões e perspectivas.

Espectros de uma extrema direita que vem apresentando um rápido crescimento político partidário nos países europeus<sup>187</sup>. No Brasil, presenciamos o fortalecimento de movimentos de uma extrema direita que em muito simpatizam com essas ideias conservadoras, ultranacionalistas, de base autoritária, que formaram o caldeirão social do fascismo<sup>188</sup>.

Esses grupos vêm ganhando cada vez mais visibilidade, através do uso da *internet* como forma de propagar suas ideias, se posicionando frente a fatos cotidianos e, assim, se reordenando sempre em face de suas questões<sup>189</sup>. Como bem aponta Jefferson Rodrigues Barbosa, a criação desses espaços virtuais, *territórios rede*, *blogs*, *sites*, redes sociais, continuam a utilizar a técnica desenvolvida na Alemanha nazista por Joseph Goebbels, com suas fórmulas simplificadas de comunicação, capazes de serem compreendidas de modo simples, a partir de suas mensagens

---

<sup>187</sup> Citamos como exemplo desse crescimento o partido grego Aurora Dourada, a legenda francesa de extrema-direita Frente Nacional, o austríaco Partido da Liberdade, o partido neonazista húngaro Jobbik, entre outros. Partidos políticos que, como fundo comum, se orgulham de um “passado glorioso” que deveria ser resgatado, valorizações étnicas que precisam ser defendidas, apresentando os imigrantes como um dos inimigos a serem combatidos, uma profunda descrença na política e nos políticos.

<sup>188</sup> Em sua dissertação de mestrado, Caldeira Neto aborda a diversidade neointegralista em face de alguns pressupostos históricos do integralismo nos anos 1930 até os primeiros anos do século XXI, focando a discussão em torno da relativização e/ou esquecimento de alguns pontos importantes da Doutrina do Sigma, focando especialmente o debate sobre antissemitismo, como uma questão extremamente problemática para esses grupos. O termo neointegralismo utilizado pelo autor se refere à busca de rearticulação do integralismo, sem a presença do Chefe Nacional Plínio Salgado, lidando com aspectos internos à história da Ação Integralista Brasileira e ao contexto de ressurgimento das ideias fascistas, denominado de neofascismo. Ver: Caldeira, 2011.

<sup>189</sup> No Brasil, mobilizando-se contra: o governo do Partido dos Trabalhadores; o Movimento dos Sem Terra; contra o divórcio; contra a interrupção voluntária da gravidez; contra o reconhecimento civil da homoafetividade; contra a escola laica, pública, de qualidade; contra os direitos plenos da mulher etc. Tudo em defesa de uma suposta ordem natural.

diretas, exaustivas, repetições expressas em formas estereotipadas, com leituras que não convidam a reflexão, mas que já trazem a questão decodificada pelas lentes do propagandista<sup>190</sup>.

Destarte, denunciar a combinação entre violência e preconceito que tomou os complôs judaico-comunistas como bode expiatório para a legitimação do autoritarismo como prática de um Estado ultranacionalista é buscar não perder de vista o debate ético, que acreditamos essencial na escrita da história, principalmente na nossa atual conjuntura de aumento dos extremismos pelo mundo, com demonstrações xenofóbicas, amplamente difundidas pelo poder de rápida disseminação da *internet*.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rodrigues Jefferson. O debate sobre as experiências políticas de caráter fascistas e a retórica fundamentalista cristã dos integralistas brasileiros nos séculos XX e XXI. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; ZANOTTO, Gizele. (Org.). **Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. 1. ed. Cuiabá/MT: EdUFMT, 2013, v. 1, p. 347-349.

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo em marcha**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

BARROSO, Gustavo. **O Integralismo de Norte a Sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas: Papiros, 2011.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo**: entre a relativização e o esquecimento. Dissertação (Mestrado em História) - 234 f. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2011.

---

<sup>190</sup> BARBOSA, Rodrigues Jefferson. O debate sobre as experiências políticas de caráter fascistas e a retórica fundamentalista cristã dos integralistas brasileiros nos séculos XX e XXI. Ver: Rodrigues; Zanotto, 2013, p. 347-349.

CAMUS, Albert. **A peste**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009 .

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In:\_\_\_\_. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CRUZ, Natália dos Reis. **O integralismo e a questão racial. A intolerância como princípio**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30**. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 1992.

FOUCAULT, M.; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antissemita. In: RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson Rodrigues. (Orgs.). **Intelectuais & Comunismo no Brasil: 1920-1950**. Gustavo Barroso, Plínio Salgado, Alceu Amoroso Lima, Jorge Amado, Miguel Costa. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

LOPES, Daniel Henrique. **AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS NA AIB, 1932-1938**. Revendo o Passado. Gênero e Representações. 82 f. Dissertação (Mestrado) – Marília: UNESP, 2007.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. A Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932 1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Coleção- O Brasil Republicano; v. 2).

MOURA, Carlos André Silva de: “RESTAURAR TODAS AS COISAS EM CRISTO”: Dom Sebastião Leme e os diálogos durante o movimento de recatolização no Brasil (1916-1942). In: RODRIGUES, Cândido Moreira; PAULA,

C. J. (Orgs.). **Intelectuais e militância católica no Brasil**. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, J; DELGADO, L. de A. N. (Orgs.). **O Brasil republicano - o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RICŒUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2011.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **A Ordem - uma revista de intelectuais católicos, 1934-1945**. Belo Horizonte/MG: Autêntica/Fapesp, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo, o Fascismo brasileiro na década de 30**. São Paulo: Difel, 1974.